

**UNIVERSIDADE REGIONAL DO NOROESTE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO
SUL - UNIJUÍ
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ADMINISTRATIVAS, CONTÁBEIS,
ECONÔMICAS E DA COMUNICAÇÃO – DACEC
CURSO DE JORNALISMO**

JARDEL HILLESHEIM

**JORNALISMO E POLÍTICA EM SANTA ROSA: O CARÁTER
EMANCIPACIONISTA DO JORNAL A SERRA**

**IJUÍ
2020**

JARDEL HILLESHEIM

**JORNALISMO E POLÍTICA EM SANTA ROSA: O CARÁTER
EMANCIPACIONISTA DO JORNAL A SERRA**

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo da
Universidade Regional do Noroeste do Estado do
Rio Grande do Sul - UNIJUÍ, como requisito parcial
à obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Vera Lucia Spacil Raddatz

**IJUÍ
2020**

UNIJUÍ – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande Do Sul
DACEC – Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis, Econômicas e da
Comunicação

A comissão examinadora, abaixo assinada, aprova a monografia

**JORNALISMO E POLÍTICA EM SANTA ROSA: O CARÁTER
EMANCIPACIONISTA DO JORNAL A SERRA**

Elaborada por
JARDEL HILLESHEIM

Como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo

Banca Examinadora:

Prof^ª Dra. Vera Lucia Spacil Raddatz (Orientadora) – DACEC / UNIJUÍ

Prof^ª Danieli Hartmann Antonello – DACEC / UNIJUÍ

Ijuí, de 2020

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a minha família, que embora sem recursos financeiros para me proporcionar um ensino superior, sempre esteve ao meu lado, me apoiando e incentivando. Também preciso agradecer a política pública do Governo Federal, através do presidente Luiz Inácio Lula da Silva e da presidente Dilma Vana Rousseff que viabilizou a possibilidade de um jovem, de família pobre pudesse realizar o sonho de concluir uma graduação. Aos colegas da Unijuí que hoje levo para a vida como grandes amigos, também aos professores e orientadores, que entenderam muitas vezes que eu tenho um trabalho a qual exige minha máxima dedicação, e sobrevivo dele. Agradeço de forma especial a minha professora orientadora, Dr^a Vera Raddatz, que além de amiga é uma profissional competentíssima. Ao advogado Aldi Pedro Brandão (In memoriam) meu grande incentivador no jornalismo e uma grande inspiração.

Aos servidores do Museu Municipal de Santa Rosa, em especial a Anete Rosane Krebs Guimarães, que saiu de sua quarentena para auxiliar na pesquisa. Dedico também a professora e historiadora Teresa Christensen, que guiou meu trabalho através de seus registros históricos.

Enfim, a todos os que de alguma forma contribuíram e me apoiaram na realização de mais uma etapa em minha vida.

RESUMO

Esta monografia pretende analisar o Jornal A Serra, de Santa Rosa, Rio Grande do Sul, criado no ano de 1929 com intuito de fortalecer o movimento emancipacionista da Colônia 14 de Julho. Na época o Major Santos Oliveira defendia a emancipação da Colônia, para que se tornasse o município de Santa Rosa e deixasse pertencer ao município de Santo Ângelo. Com isso o assumiu a redação o escritor Fernando Albino da Rosa e iniciou o primeiro jornal, baseando sua produção no fortalecimento do movimento. A pesquisa bibliográfica baseia-se em teorias que relacionam jornalismo e história, jornalismo e política e jornalismo e desenvolvimento, observando também o papel que o jornalista tem assumido na sociedade, a partir de Marcondes Filho (2009), além de discutir a interferência do jornalismo em diversos setores, principalmente no produto final apresentado ao público, como defende o estudo de Traquina (2004). Este estudo apresenta ainda um caráter histórico ao resgatar a história do jornalismo impresso em Santa Rosa e, para tanto, utiliza-se de pesquisa empírica, com análise de exemplares do jornal A Serra. A pesquisa aponta a importância do jornalismo como um instrumento importante para o desenvolvimento das comunidades e as relações com a política local.

Palavras-chave: Jornalismo; Jornal A Serra, de Santa Rosa; Desenvolvimento; Política; História.

ABSTRACT

This monograph intends to analyze the newspaper A Serra, from Santa Rosa state of Rio Grande do Sul, established in 1929 aiming empower 14 de Julho Cologne's emancipation movement. At the time, Major Santos Oliveira defended the cologne's emancipation for it to become Town of Santa Rosa and no longer belong to Town of Santo Ângelo. Fernando Albino da Rosa was the first writer of the newspaper and started its production based on the movement's empowerment. The bibliographic research is based in theories that relate journalism and history, journalism and politics, and journalism and development, noting as well the role journalists have been taking in society, from Marcondes Filho (2009), aside from discussing journalism interference in multiple sectors, especially in the final product presented to public, as defends Traquina's study (2004). This study presents a historical character by recovering Santa Rosa's press history. For that purpose, it uses empiric research analyzing pieces of the newspaper A Serra. The research indicates journalism as an important instrument for communities' development and for relationships with local politics.

Keywords: Journalism; Jornal A Serra, with Santa Rosa; Desenvolvement; Policy; History.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Capa Jornal Gazeta do Rio de Janeiro	13
Figura 2 - Correio Braziliense	14
Figura 3 - Capa JB Vitória dos Aliados	16
Figura 4 - O Diário de Porto Alegre	19
Figura 5 - Capa do Jornal O Povo	20
Figura 6 - Edição 01 do Jornal A Serra	22
Figura 7 - Fernando Albino da Rosa	23
Figura 8 - Jornal Combate	25
Figura 9 - Jornal Noroeste	26
Figura 10 - Edição do Jornal Noroeste do dia 30 de abril de 2020	27
Figura 11 - Jornal Gazeta Regional	29
Figura 12 - Portal Plural	30
Figura 13 - Jornal A Serra	44
Figura 14 - 25 de fevereiro de 1931	46
Figura 15 - 01 de fevereiro de 1931	47
Figura 16 - A Serra, 23 agosto de 1931	49

SUMÁRIO

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS	9
2. TRAÇOS DA HISTÓRIA DO JORNALISMO: O PAÍS, O ESTADO E SANTA ROSA	11
2.1 A História do Jornalismo Impresso no Brasil	11
2.2 A História do jornalismo impresso do RS até a Revolução Farroupilha	18
2.3 A História do jornalismo impresso de Santa Rosa	21
3. JORNALISMO NA RELAÇÃO COM A HISTÓRIA, A POLÍTICA E O DESENVOLVIMENTO	31
3.1 Relação entre Jornalismo e história	33
3.2 Jornalismo e Política no Brasil	35
3.3 Jornalismo e desenvolvimento	38
4. JORNALISMO E POLÍTICA EM SANTA ROSA: A CONTRIBUIÇÃO HISTÓRICA DO JORNAL A SERRA	41
4.1 Objeto e metodologia	42
4.2 O Jornal A Serra e a emancipação	43
4.3 Análise das narrativas emancipacionistas do Jornal A Serra	51
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	54

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ligado diretamente à vida das pessoas, o jornalismo ao longo de sua existência apresenta esferas que interagem em vários setores da sociedade, e não seria diferente na política, na história e no desenvolvimento das comunidades. O jornalismo pode oferecer novas contribuições na história, deixando o estado de meros documentos, passando para um estágio mais ativo à sociedade. Nos laços históricos do jornalismo legitimados, com relação à política, o jornal impresso assume a repercussão, com um elo interativo, incluindo um sistema de ação e reação. Nada mais do que o objetivo de conter uma repercussão através de uma ação, o que ocorre através de uma notícia, de uma reportagem.

Desde os primórdios da história do Brasil, o jornalismo está presente, como uma ferramenta de informar, dar sentido e convencer a população. Neste fato utiliza-se da história para narrar todos os processos evolutivos do próprio jornalismo na construção de uma sociedade socialmente desenvolvida.

Albuquerque (1999) ao relacionar o jornalismo e a política defende que o jornalista exerce um poder moderador: capaz de arbitrar as disputas entre os outros poderes e de assumir um papel de defensor de um interesse superior, extrafácções, ligados a uma ideia abstrata de bem comum e de democracia. Ideia instigante, mas que deve, porém, ser relativizada. Ao relacionar tal ação com desenvolvimento, Marcondes Filho (2009) também salienta a importância que a atividade jornalística e o papel que o jornalista tem assumido na sociedade. Pena (2006), Traquina (2004) relacionam a interferência do jornalismo em diversos setores, principalmente no produto final que é apresentado ao público.

Do século XIX até hoje muitos avanços e novas pesquisas buscam definir a prática jornalista. Note que no ano de 1808 o jornalismo atendia aos interesses da coroa, narrando os fatos relevantes para aquele governo na época, sem autonomia para agir, e mesmo assim exercendo um papel ponderante, a ponto de ser considerado fundamental para o apoio ao regime da época. No mesmo sentido, cabe ressaltar a importância do jornalismo regional para o desenvolvimento não só da política, mas também da sociedade. Era o jornalismo o responsável por narrar as conquistas e defender os avanços nas comunidades mais distantes de grandes centros.

Há exatos 91 anos, Santa Rosa era denominada Colônia 14 de Julho, sendo distrito de Santo Ângelo, Missões. Colonos da época tinham dificuldades para acessar serviços públicos,

que já eram limitados , imagine então em pequenas colônias do interior e em governos coronelistas. O Major Santo Oliveira que comandava estas terras tinha o desejo de expandir território e com isso conquistar notoriedade entre os demais comandantes do Estado do Rio Grande do Sul (CHRISTENSEN, 2008, p.77). Com isso surgiu o desejo de emancipar a colônia e transformá-la no município de Santa Rosa. Entre as primeiras ações, após reunir lideranças e compartilhar da ideia, foi a criação de um jornal, onde este sentimento fosse comunicado como uma necessidade urgente, com o foco principal para o desenvolvimento. A Colônia 14 de Julho não possuía naquele momento nenhum talento da literatura que se comprometesse em assumir a redação de um jornal e a partir daquele momento noticiar os fatos que eram relevantes no local. Com isso, a muda-se para Santa Rosa Fernando Albino da Rosa, que segundo a história, seria o precursor do jornalismo na região. Surgia então o Jornal A Serra.

Fatos narrados anteriormente justificam esta pesquisa que utiliza-se do método qualitativo, por estar ligado diretamente às áreas de Ciências Sociais Aplicadas, especialmente do campo da Comunicação, como defende Veiga (2014, p.66). Buscamos com o trabalho relacionar o jornalismo, a história, política e o desenvolvimento para identificar a real possibilidade e comprovar se realmente o jornal A Serra, seria o principal meio de comunicação da época, que viria a fortalecer o movimento emancipacionista, narrando os passos e as conquistas do grupo que defendia a criação do município de Santa Rosa.

Este texto inicia com uma pesquisa sobre os traços da história do jornalismo impresso, no Brasil, no Rio Grande do Sul e em Santa Rosa. Na sequência é discutida a relação do jornalismo com a história, com a política e com o desenvolvimento, para então chegar à análise das narrativas do Jornal A Serra, pioneiro do jornalismo santa-rosense.

2. TRAÇOS DA HISTÓRIA DO JORNALISMO: O PAÍS, O ESTADO E SANTA ROSA

O jornal impresso no Brasil surgiu da necessidade de publicar os documentos oficiais da família real, sendo um pontapé inicial para a imprensa, em solo brasileiro. O primeiro jornal publicava assuntos de interesse da Corte, além de servir principalmente contra a burguesia que se contrapunham em desfavor as ideias. Com isso a Coroa fez o uso da imprensa oficial como forma de manter-se no controle político da colônia.

O Correio Brasiliense foi o primeiro jornal periódico do Brasil, em 1º de junho de 1808. Apesar de circular no Brasil sobre assuntos de relevância daqui, o jornal era editado em Londres. Já o primeiro jornal impresso em território nacional foi o Gazeta do Rio de Janeiro que deu início em sua circulação a partir de 10 de setembro do mesmo ano.

No Rio Grande do Sul o marco do jornalismo impresso se deu em 1827, durante a Revolução Farroupilha, quando estancieiros e charqueadores, que representavam a classe econômica dominante da época, percebia a subordinação política ao centro de poder do Estado do Rio de Janeiro. Em um cenário com contradições entre a Província e a Corte, recrudesceram provocando uma reação liberal, criando o Jornal O Diário de Porto Alegre. Caracterizou-se como o primeiro no Estado.

Já Santa Rosa, o jornalismo impressos se deu seis anos antes mesmo de se tornar município. O primeiro jornal impresso foi criado em 1925, por Fernando Albino da Rosa, professor, jornalista e poeta. Tudo começou com a “A Sentinela”, passando para o Sol da Serra e mais tarde o Jornal A Serra. Os anos foram passando e o jornalismo impresso se expandiu, inclusive ganhou outros formatos, contando com o digital, e compartilhando notícias em diversas plataformas.

2.1 A História do Jornalismo Impresso no Brasil

A história do jornalismo sob solo brasileiro se dá no início no século XIX, juntamente com a vinda da Corte Portuguesa para o Brasil. Fato que se deu entre 1808 e 1821. Chegaram ao Brasil 15 mil pessoas, com a família real, corte de nobres, servos e empregados domésticos. Chama a atenção para uma biblioteca com cerca de 60 mil livros, todos escritos em latim ou português de Portugal. A chegada da corte trouxe para o país um

impulsioneamento da política, da economia e de questões sociais. Tudo isso possibilitou o desenvolvimento da imprensa, no primeiro momento escrita.

No início os jornais atuavam exclusivamente sob controle exclusivo da Coroa, assegurando os interesses da Corte Real. Produzidos artesanalmente, com formato político e opinativo, eram escritos por intelectuais e lidos por nobres ligados à corte e difundidos para demais setores da sociedade. A população não era alfabetizada em sua integralidade, nobres e pessoas com mais posses tinham a incumbência de repassar as notícias.

Nos primórdios, a atividade jornalística era uma iniciativa essencialmente individual, independente e estava relacionada, em termos de produção, à pequena parcela de literatos da sociedade, e sua produção era também para pequenas parcelas. (BARROS, 2013, p.15).

Em sua produção, se adotada uma censura prévia, controlada pela Coroa, como um procedimento padrão na época. Para a produção instalaram-se as oficinas de imprensa, produção e impressão dos primeiros jornais, através da Imprensa Régia, a primeira editora brasileira, uma filial da editora de Lisboa. Sua primeira publicação foi em 13 de maio de 1808, o Jornal “A Gazeta do Rio de Janeiro”, por ser da Corte, um órgão oficial do Governo da época. Também publicado o Jornal O Patriota¹ publicado entre 1813 e 1814. Ambos se caracterizam pela atual Imprensa Nacional.

¹ Foi o primeiro jornal literário publicado na cidade (o segundo do país), sendo editado por Manuel Ferreira de Araújo Guimarães e circulando entre janeiro de 1813 até dezembro de 1814.

Figura 1 - Capa Jornal Gazeta do Rio de Janeiro

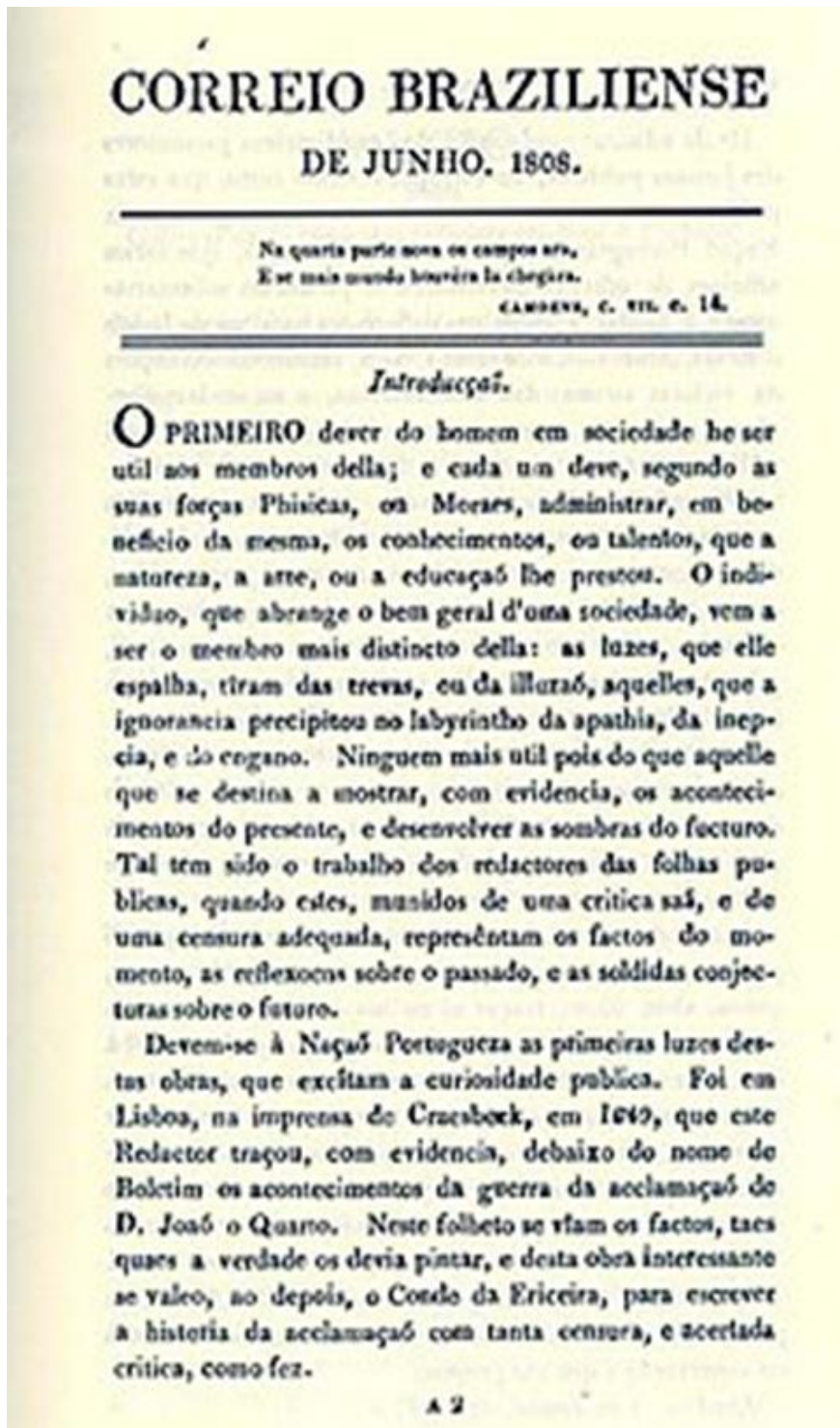


Fonte: Revista de História da Biblioteca Nacional

No dia 01 de junho de 1808 circulou pela primeira vez no Brasil o jornal Correio Braziliense ou Armazém Literário, como também era conhecido. Um jornal mensário em português publicado por Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça, produzido em Londres que na sua primeira edição trouxe a fala do dever do homem na sociedade. Na época devido a sua relevância atuou como precursor do Jornal de Londres. É considerado o primeiro jornal brasileiro e teve circulação até o dia 01 de dezembro de 1822 contando com 175 edições e um número de 29 volumes editados durante 14 anos e sete meses com uma marcante pontualidade e ininterrupto.

Através do Correio Braziliense seu fundador Hipólito da Costa defendia ideias liberais, como a de uma monarquia constitucional e o fim a escravidão. Devido as pautas o jornal operava na clandestinidade no Brasil, dando ainda a ampla cobertura em 1817 para a Revolução Pernambucana, e a narração de fatos de 1821 e 1822 que conduziram a Independência do Brasil.

Figura 2 - Correio Braziliense



Fonte: Wikipédia

Mas, a criação dos jornais impressos e a propagação de notícias no Brasil, considerados importantes para o desenvolvimento e a consolidação da imprensa da atualidade se deu de forma totalmente artesanal, e nos primeiros anos com interferência direta dos

governos. Porém, o jornalismo ganha um novo produto no final do século XIX, em um contexto de mudanças políticas e com o estabelecimento da República. No período de uma nova forma de governo no Brasil, a abertura para o surgimento do Jornal do Brasil (JB). O produto jornalístico, fundado em abril de 1891, por Rodolfo de Souza Dantas. O JB caracteriza-se com cunho monarquista e montado como uma estrutura sólida, que vinha para durar. Composto por oito páginas de 120 por 61 centímetros. Na capa utilizado o corpo 10 e os textos distribuídos em colunas de 6 centímetros cada.

Não dispunha de muitas imagens, mas era distribuído em carroças – inovação para a época – que permitiam que os exemplares chegassem ao público de modo rápido e eficaz. Ainda antes da virada do século, precisamente em 1898, o JB inicia a publicação de caricaturas e, em 1914, torna-se o primeiro a ter cores em suas edições (SODRÉ, 1999, p. 257).

A primeira redação de jornal foi instalada na cidade do Rio de Janeiro/RJ, especificamente na Rua Gonçalves Dias, número 56. O exemplar custava 40 réis, as assinaturas semestrais e anuais de 6\$000 e 12\$000 para a capital e 8\$000 e 16\$000 para o interior. “Uma tentativa de inovar os métodos da nossa imprensa diária, mas a estrutura não é a definitiva”. (BAHIA, 2009, p. 122).

Mas existem contradições, pois Sodré (1999) defende que, já no início, o JB começa a ocupar um lugar de destaque na imprensa, com publicação de críticas literárias e resenhas semanalmente. Ele ainda destaca que com o início do desenvolvimento tecnológico, meados do século XX, o JB realiza investimentos em maquinário e se torna o jornal com o melhor equipamento gráfico do país. Na época o JB passa a circular com uma tiragem de mais de 60 mil exemplares, (SODRÉ, 1999).

Em 1904, o jornal JB construiu sua sede própria e adquiriu as primeiras linotipos² de impressão em cores do Rio de Janeiro. Os investimentos geraram um alto custo para a produção, fazendo com que a empresa visse a necessidade de abrir capital e tornou-se uma sociedade anônima. A nova sede foi transferida em 1910 para a Avenida Central, no centro do Rio de Janeiro, quando chegou a ter pelo menos cinco edições diárias. Já passados 46 anos, em 1956 o JB com intuito de conservar seu pioneirismo a frente de outros jornais, buscou uma reforma gráfica, que além de transformar o perfil do jornal diário, revoluciona a concepção de jornalismo no país.

² (Linotipo ou linótipo é uma máquina inventada por Ottmar Mergenthaler em 1884, na Alemanha, que funde em bloco cada linha de caracteres tipográficos, composta de um teclado, como o da máquina de escrever)

O jornal JB foi reformulado em todos os níveis, em um processo que atingiu tanto a publicação e seu conteúdo gráfico e editorial como a empresa, seu funcionamento, o método de trabalho e o perfil dos funcionários. o objeto era justamente modernizar a estrutura e ampliar a viabilidade da empresa (MANNARINO, 2006, p. 49).

Figura 3 - Capa JB Vitória dos Aliados



Fonte: Revista de História da Biblioteca Nacional

Com o passar dos anos, outras mudanças passaram por testes. Foram adotadas medidas revolucionárias para a época e todas incorporadas no perfil do jornal. Citamos a editoria feminina, o informe JB e a Revista de Domingo. Deu-se espaço também para a editoria esportiva, que ganhava na época cada vez mais espaço, principalmente na cobertura do futebol, com o surgimento e crescimento dos clubes em todo o país. O Futebol chegou ao Brasil em 1895, foi trazido pelos ingleses, assim como na maioria dos outros países. No entanto há relatos de que o esporte havia sido praticado anteriormente. O primeiro clube de futebol, São Paulo Athletic Club, formado em 1888 deu início a formação de demais equipes, no início no eixo São Paulo-Rio de Janeiro, mas poderia ser jogado apenas pela elite branca³.

³ A aristocracia dominava as ligas de futebol, enquanto o esporte começava a ganhar as várzeas. As camadas mais pobres da população e até negros podiam apenas assistir.

O jornalismo esportivo brasileiro nasceu em 1856 (RIBEIRO, 2007, pp. 26-27) com o Jornal O Atleta, que repassava receitas para o aprimoramento físico dos habitantes do Rio de Janeiro. Pouco depois, em 1885, circularam O Sport e O Sportsman. Em 1981, surgiu em São Paulo A Platea Sportiva, um suplemento de A Platea, criado em 1888. Dez anos depois, em 1898 em São Paulo surgiram a revista O Sport e o jornal Gazeta Sportiva.

Nas publicações, o futebol não era prioritário, a ênfase apenas nas notícias de turfe⁴, regatas e ciclismo. A periodicidade se dava apenas no domingo, gratuita. (RIBEIRO, 2007, pp. 26-27). O autor relata que até o final do século XIX, o noticiário esportivo carecia de um espaço específico tal qual o que se conhece hoje por editoriais. Naquela época, as notícias esportivas “se misturavam com informações comerciais, políticas, econômicas, por vezes inseridas no bloco dos acontecimentos sociais (RIBEIRO, 2007, p. 29”).

O Jornal do Brasil já nos seus primórdios dedicou atenção especial ao esporte, publicando em seu segundo dia de circulação, 10 de abril de 1891, uma coluna denominada “Sport”. Foi um marco para abordagens jornalísticas esportivas na época, fortalecendo o meio e fomentando a ampliação e abordagens em outros meios (MELO, 2012, p. 26).

Nesse aspecto, Coelho (2003) relembra que, enquanto no Brasil a primeira revista esportiva com publicação regular só se estabeleceu nos anos 1970, países como a Itália e a Argentina já possuíam revistas dedicadas exclusivamente aos esportes desde 1927.

Mas o jornalismo, além de novas abordagens editoriais passou por períodos de restrições. Se no início era exclusivo aos interesses da Coroa, a partir de 1960 com o regime militar a imprensa volta a ser obrigada a servir aos interesses do governo instituído.

Na nova arquitetura, o JB permanece com inovações: inaugura uma seção especializada em fotos e vídeos, e modifica a disposição do conteúdo em sua página inicial. [...] No suporte online, o volume de informações a serem veiculadas passa a ser maior do que o do impresso, especificamente por causa da característica do formato em não oferecer restrições quanto ao espaço para armazenamento (BARROS, 2013, p. 38).

No período o JB buscou manter sua independência, apoiando medidas político-econômicas com as quais concordava e criticando as que consideravam inapropriadas ou abusivas. Imediatamente o jornal sofre represálias, censuras prévias, perseguições e prisões de colaboradores, assim como outros periódicos do país. Superada esta fase, em 1990 mesmo com restrições econômicas figura-se o avanço tecnológico com o lançamento da versão na

⁴ Turfe é o nome do esporte que promove e incentiva corridas de cavalos.

internet. O jornalismo passou a se expandir nos Estados do Brasil, onde criou-se redações para difundir a notícia e os relatos do cotidiano.

2.2 A História do jornalismo impresso do RS até a Revolução Farroupilha

Enquanto os jornais se multiplicavam em diferentes regiões do Brasil, o Rio Grande do Sul vivia período de dificuldades, com guerras permanentes entre os séculos 18 e 19. Baumgarten (1982) caracteriza o Estado como um verdadeiro acampamento militar, aliado à atividade campeira, o que contribuía para o pequeno desenvolvimento cultural. A herança da segunda metade do século 19 era um número sem fim de combates. No ano de 1827 estancieiros e charqueadores, que representavam a classe econômica dominante da época, percebiam a subordinação política ao centro de poder do Rio de Janeiro. Em um cenário com contradições entre a Província e a Corte, recrudesceram provocando uma reação liberal, criando o Jornal O Diário de Porto Alegre. Caracterizou-se como o primeiro no Estado.

O Diário de Porto Alegre, segundo Franco (2006) foi um jornal que apresentava características um tanto quanto controversas, oscilando entre a favor e contra o governo. O jornal era patrocinado pelo presidente da província, Salvador José Maciel⁵. Com seu reduzido formato, pouco mais do que um cartaz, 12x29cm com folha dupla e duas colunas, publicava atos do governo, anúncios de compra e venda, saídas de embarcações, além de fugas e perdas. O autor cita que o jornal continha assuntos corriqueiros da vida dos porto-alegrenses. O produto jornalístico foi precursor para o surgimento de outros, e se manteve até o ano de 1928 (STRELOW 2010).

Os jornais impressos tiveram grande influência nesta época. “Não se constitui exagero afirmar que a imprensa foi o bastidor intelectual da Revolução Farroupilha. Nas páginas dos jornais se gestaram as ideias que radicalizaram o processo político e levaram ao movimento.” (RÜDIGER, 1993, p. 15).

Em entrevista ao site Gaúcha ZH, Luiz Adolfo Lino de Souza coordenador do setor de imprensa do Museu de Comunicação Hipólito José da Costa, destacou que o jornal não era vendido na rua. “Só podia ser adquirido a 40 réis num único ponto: na loja de José Justiniano de Azevedo, na Rua da Praia, número 85” (ZERO HORA, 2019). Há controvérsia em torno da

⁵ **Salvador José Maciel** (1781 — 1853) foi presidente da província de São Pedro do Rio Grande do Sul, de 4 de novembro de 1826 a 2 de agosto de 1829.

existência de uma coleção do jornal em Porto Alegre. Na verdade, só são conhecidos dois exemplares, um do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa-MUSECOM e outro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul.

Antecedentes à Revolução Farroupilha (1835- 1845) surgiram jornais defendendo lados opostos da trincheira, tais ideias que dariam corpo para os conflitos. Reverbel (1968, p. 34), afirma que o movimento revolucionário foi preparado por essa imprensa. “Seus textos, muito bem redigidos, teriam influenciado seriamente a opinião pública”.

Sodré (1999) comenta que a Revolução Farroupilha, iniciada em 1835, logo após o surgimento da imprensa, continuou a absorver as preocupações do governo e, já nesta época, os governantes passaram a comprar os jornais dos seus fundadores, a fim de veicularem as suas ideias de maneira mais direta. Ainda segundo este autor, o departamento mais importante da imprensa naquela época esteve ligado aos movimentos que surgiam e, em cada província, com a suas características, os jornais revelaram resistência ao conservadorismo, denunciando aspectos das lutas políticas, marcando sua influência através de pregações, ideias e mobilização de opiniões.

Figura 4 - O Diário de Porto Alegre



Fonte: Arquivo Museu da Comunicação Hipólito José da Costa-MUSECOM

Ainda durante a Revolução Farroupilha nascem os jornais farroupilhas, entre eles *O Povo*, que despontou entre os principais. Se autointitulava jornal político, literário e

ministerial da República Riograndense e circulou durante três anos tendo à frente o italiano Luiz Rossetti, jornalista italiano e intelectual e Domingos José de Almeida, fazendeiro, jornalista, político e militar. Bissemanal, circulando as quartas-feiras e aos sábados. Ao todo foram 160 exemplares, 45 publicados quando a produção do jornal era em Piratini e os demais já no município de Caçapava, sede do Governo se transferiu para aquele local.

Mesmo só podendo ser lido por pessoas alfabetizadas, Dorneles (2010) conta que o jornal atingia a massa iletrada devido aos comentários que se propagavam boca a boca a partir daqueles que se encontravam de posse das informações.

Com O Povo buscava-se sedimentar a nova República ao ser dado um caráter público às ações e ao discurso dos farroupilhas. Institucionalizava-se, desta forma, o movimento em si, objetivando legitimá-lo frente ao Império Brasileiro, com isso. (DORNELLES, 2010, p. 52).

Figura 5 - Capa do Jornal O Povo



Fonte: Museu da Comunicação Hipólito José da Costa - MUSECOM

2.3 A História do jornalismo impresso de Santa Rosa

Atualmente o município de Santa Rosa conta com três jornais impressos, o jornal Noroeste, o jornal Gazeta Regional e o jornal Plural. Mas antes de falar sobre cada um deles, resgata-se o pioneirismo do jornalismo santa-rosense, destacando a história dos precursores e o trabalho dos jornalistas ao longo dos anos, desde muito antes de Santa Rosa ser emancipada.

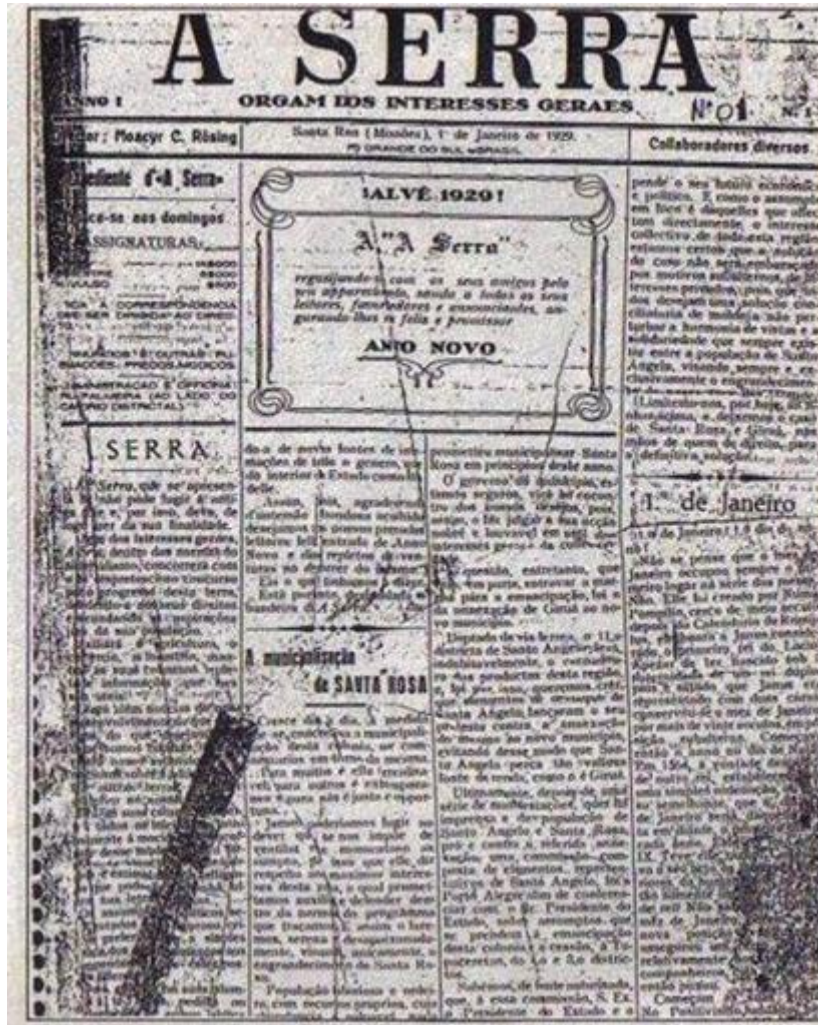
A história do jornalismo impresso na Colônia 14 de julho, hoje Santa Rosa, começou em 1925, seis anos antes da emancipação como município. O jornalismo teve início com Fernando Albino da Rosa⁶, escritor, professor, jornalista e poeta. Residia até 1924 em São Luiz Gonzaga, e após mudar-se para a Colônia Santa Rosa foi o precursor do movimento cultural da vila. De acordo com Christensen (2008), Fernando Albino da Rosa publicou em 1925 o primeiro jornal, “A Sentinela” que era uma página, frente e verso, com o formato de duas colunas. No mesmo ano publicou “Informações”, também no formato do primeiro jornal. Em 1927 foi criado pelo Fernando Albino da Rosa o jornal “O Sol da Serra”, que na época foi identificado como um pequeno semanário dedicado às notícias e a Cultura. Em 1929, alinhado ao pensamento emancipacionista de Santa Rosa, Fernando Albino da Rosa apresenta o jornal “A Serra”, no qual atuou como editor-chefe por 25 anos. Conforme Christensen (2008), o jornal foi criado por Fernando Albino e só adormecera com seu falecimento em 1954, tendo outros redatores. “A Serra foi o canal de comunicação em prol do movimento emancipacionista, produzido na residência do Major Santos Oliveira⁷, que passou a ser seu proprietário. No ano de 1961, o jornal A Serra foi comprado por Florisvaldo Schmorantz, proprietário até o ano de 1977.

O objetivo dos redatores do jornal A Serra era incrementar a campanha pela emancipação política de Santa Rosa. O principal interessado em tornar a Colônia independente era o Major Santos Oliveira, proprietário do A Serra. O jornal era produzido na casa do major, e de lá eram definidas as notícias que seriam publicadas (CHRISTENSEN, 2008, p.77).

⁶ Fernando Albino da Rosa nasceu em 16 de novembro de 1890, na cidade de São Luiz Gonzaga. Era casado com Neomia Fernandes, com qual teve sete filhos: Fernando, Leda, Cloé, Gualter., Maria Teresa, Ione, Eloá. Integrou a Academia Gaúcha de Letras.

⁷ Oliveira, Major Santos, nasceu em Santo Ângelo em 16 de abril de 1896. Foi prefeito da colônia 14 de Julho no período anterior a formação do município de Santa Rosa.

Figura 6 - Edição 01 do Jornal A Serra



Fonte: Museu Municipal de Santa Rosa

O jornalista Vicente Cardoso, dirigia “A Serra”, editada por Fernando Albino. Com circulação aos domingos, mais tarde, em 1930 circulou no formato bissemanal. O jornal sofreu várias modificações de proprietários, mas manteve como editor-chefe Fernando Albino.

Figura 7 - Fernando Albino da Rosa



Fonte: Livro Santa Rosa, Histórias e Memórias

O jornalismo em Santa Rosa tem um marco: o dia 28 de março de 1936, quando foi publicada a edição de número 01 do Jornal Combate, um importante veículo que se colocava como contraponto ao Jornal A Serra. O Combate era produzido por Clotário Oliveira, primo de primeiro grau do Coronel Braúlio de Oliveira, proprietário das terras de Cruzeiro. O jornal não possuía periodicidade definida e foi editado na Esquina Coronel Braulio, em Cruzeiro-Colônia 14 de Julho. Era denominada uma folha independente pela regeneração política e administrativa de Santa Rosa. Em sua primeira edição estampou a manchete de capa “Homens medíocres e os cretinos não podem se manifestar, acomodam-se nos cantos de cócoras”, COMBATE (1936, capa). O Combate ainda critica ações de políticos de Santa Rosa que não representavam a população, e exploram a comunidade.

O município de Santa Rosa desde sua emancipação, vem sendo vítima da exploração de uma camarilha de aventureiros políticos que, visando somente os seus interesses particulares desconhecem os princípios da dignidade, que é obrigado a cultivar todo o indivíduo que possua uma parcela, por pequena que seja de representação e liberdade social. Desde a sua emancipação, este município, por isso vem tendo uma vida atormentada por dissensões políticas d’uma politicalha ignóbil

que não resiste a crítica serena de quem queira analisá-la com a verdade. A comunidade desta colônia vem sendo sacrificada e ludibriada de todas as formas (COMBATE-1936, capa).

O Jornal Combate teve apenas quatro edições. Antes de encerrar as atividades, em sua terceira edição teve sua sede transferida, a mando do Coronel Bráulio de oliveira. COMBATE (1936, p.1) publica que “o Coronel Braulio não se confirmou com essa instalação, alegando que o povoado não era lugar para encrencas políticas”. Com isso, a redação mudou-se para a mesma sala onde era produzido o A Serra, e no dia 30 de julho de 1936 sua quarta e última edição foi publicada.

Figura 8 - Jornal Combate



Fonte: Arquivo Museu Municipal de Santa Rosa

O Jornal A Serra deixou de circular, e após 40 anos da emancipação do município de Santa Rosa, no dia 8 de julho de 1971, circulava a edição número zero do Jornal Noroeste, um produto criado pelo empresário Sérgio Ambros Mallmann, que atua até hoje como diretor da Empresa Jornalística Noroeste⁸, Adelcki Camilo Beltrame, Pedro Carpenedo, Irineu José Bigloin, Adão Monteiro, Antenor Grisotti. Valdir Flores, gerente do veículo, e Ademar

⁸ A Empresa Jornalística Noroeste Ltda - EJNI - é uma organização que atua no segmento de comunicação social. Com a publicação do JORNAL NOROESTE no dia 8 de julho de 1971, o nome, que identifica a região geográfica de sua atuação no Estado, começou a solidificar-se no setor, tendo como sede a cidade de Santa Rosa.

Campus Bindé, assistente de redação. O jornal semanal, publicado na sexta-feira, com oito páginas que inclui entrevistas, artigos de opinião, fotos e publicidade de empresas locais. Foi impresso na Gráfica Ulrich Löw, de Ijuí. O “Noroeste” nasce com o propósito e integrar-se no processo de desenvolvimento da região do Grande Santa Rosa.

Figura 9 - Jornal Noroeste



Fonte: Arquivo Jornal Noroeste

O “Noroeste” segue em uma edição semanal, formato 24 páginas. Luciano Mallmann é o jornalista responsável e desde sua criação circulou ininterruptamente. Em entrevista, para esta pesquisa Sérgio Ambros Mallmann reitera que o jornal nasceu com intuito de promover o desenvolvimento. O jornal conta com 3.200 assinaturas nos municípios de Santa Rosa, Tuparendi e Porto Mauá. Relata que em suas páginas busca enfatizar o empreendedorismo e apresentar um relato fiel da história. Em 2006 o Jornal inicia a versão digital⁹, atualizada diariamente.

⁹ Plataforma digital de notícias da Empresa Jornalística Noroeste: jornalnoroste.com.br.

A imprensa é o termômetro que registra o nível da cultura de uma comunidade e seus anseios. É a porta-voz das reivindicações do povo. Rememorar a nossa imprensa é reescrever páginas da própria história de Santa Rosa e essas páginas mostram todo o trabalho em prol do desenvolvimento do município, destacando todos os que trabalharam nessa causa (CHRISTENSEN, 2008, p. 28).

Figura 10 - Edição do Jornal Noroeste do dia 30 de abril de 2020



Fonte: Arquivo Jornal Noroeste

Na história contemporânea de Santa Rosa o jornalismo impresso continua contribuindo para o desenvolvimento da cidade, pois conta e registra os fatos que marcam os dias, as semanas e os anos. Na década de 90, Santa Rosa passou a contar com mais um periódico jornalístico, o jornal Gazeta Regional, importante publicizador de informação na comunidade. Foi fundado no dia 7 de abril de 1993, com sede em Santa Rosa, por Adivasson Nejelski. O empreendedor buscava implementar um veículo de comunicação alternativo, vendo que na época de sua fundação existia apenas o Jornal Noroeste. Nejelski buscou junto com profissionais da área da publicidade e comercial viabilizar pela primeira vez um jornal que circularia duas vezes por semana, relatando a história de Santa Rosa sob olhar atento de

contadores de história, conforme relato de sua filha, Niara Nejelski¹⁰, em entrevista para esta pesquisa. Desde os primórdios, o jornal circula duas vezes por semana, nas quartas e sábados. O Gazeta retrata o dia-dia da comunidade regional e ilustra em suas páginas os principais acontecimentos que marcam a história de Santa Rosa nos últimos 27 anos. Conta com 1.250 assinantes na cidade de Santa Rosa.

Hoje, o Gazeta Regional está sob a direção de Jornalismo de Micheli Armanje e direção geral de Leandro Armanje, os quais destacam: temos o compromisso de levar o melhor conteúdo para nossos leitores e juntos construir uma história de sucesso.” (Jornal Gazeta-2020). O Gazeta Regional no dia 1º de outubro de 2018 ganhou versão digital, onde replica a edição do jornal¹¹.

Atualmente na versão impressa e também na digital se garante espaço além das notícias, para artigos de opinião de profissionais de diferentes áreas. Embora o jornal seja local, a jornalista responsável, Micheli Armanje (ARMANJE, 2020, informação verbal) explica que contextualizamos diversos temas que são pautas nacionais, principalmente as questões políticas e econômicas: “Sempre relacionamos os fatos ocorridos nacionalmente com a realidade local”.

¹⁰ Entrevista concedida para esta pesquisa em 02 de junho de 2020. Santa Rosa, RS.

¹¹ Site de acesso ao Jornal Gazeta Digital de Santa Rosa: jornalgazeta.com.br

Figura 11 - Jornal Gazeta Regional



Fonte: Arquivo Gazeta Regional

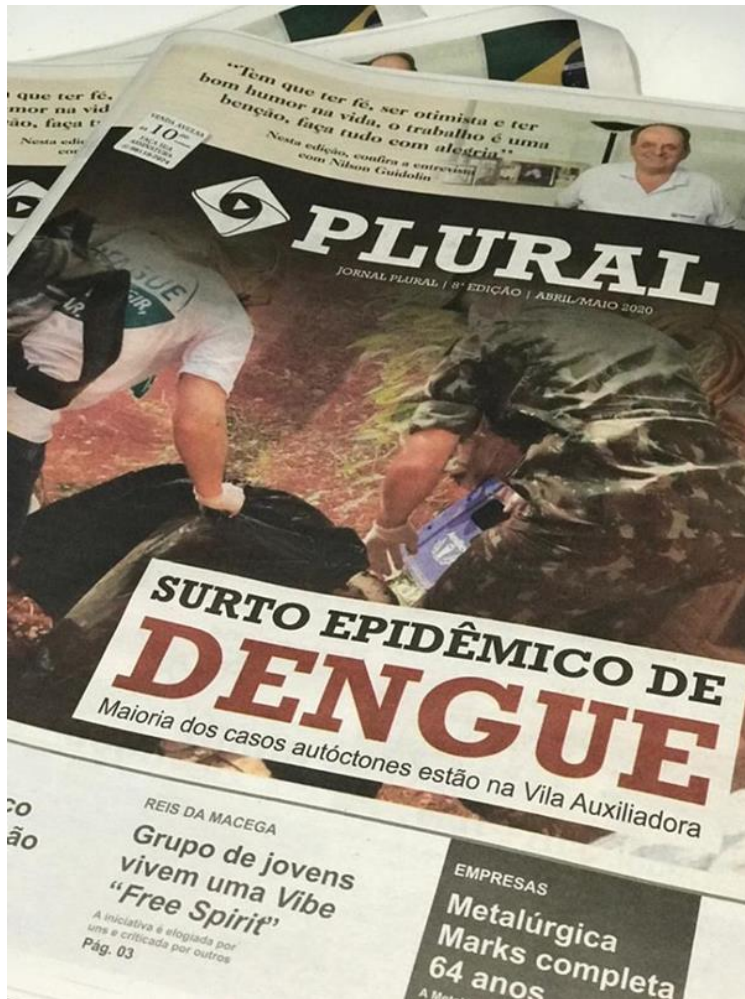
Além do Noroeste e do Gazeta, Santa Rosa conta agora com mais um jornal. O Jornal Plural foi o impresso criado mais recentemente em Santa Rosa- Começou a circular em setembro de 2019, tendo uma edição mensal, e como editor-chefe Pavel Bauken. O Plural integra também um portal de contato telefônico,¹² que há uma grande diferença de conteúdo entre os diferentes meios de comunicação, já que o material impresso precisa ser exclusivo, sem a chamada “repostagem” do factual e, por isso, acredita que se pode construir reportagens e infográficos mais produzidos. Afirma que o jornal está na décima edição e que percebe-que a adesão é crescente.

Através de um estudo de viabilidade, percebemos que apesar do foco da empresa ser o conteúdo on line, ainda poderíamos ter uma mídia impressa para atingir um

¹² Entrevista realizada na quarta-feira dia 24 de junho de 2020.

público seletor e apreciador do “impresso”. do factual, por isso, podemos construir reportagens e infográficos mais produzidos. Estamos na décima edição e percebemos que a adesão é crescente. (BAUKEN, 2020, informação verbal).

Figura 12 - Portal Plural



Fonte: Arquivo Portal Plural

Após apresentar a história do jornalismo em Santa Rosa, passa-se a relacionar no capítulo seguinte a relação entre jornalismo, história, política e desenvolvimento, tendo em vista a compreensão dos fatos relatados e dos conceitos aqui apresentados, o que norteia a busca do entendimento do jornalismo na contribuição da emancipação do município de Santa Rosa.

3. JORNALISMO NA RELAÇÃO COM A HISTÓRIA, A POLÍTICA E O DESENVOLVIMENTO

O jornalismo é visto como fundamental na construção da cultura e na democracia de um país. É ele narra, ou seja, relata eventos de interesse humano, após uma coleta de informações, seguida de análise para a produção e apuração de fatos, eventos, ideias, e pessoas que são notícia. Podemos dizer que o jornalismo é a realidade, a vida, tal como é contada, em terceira pessoa, utilizando uma linguagem para descrever, ou seja, descritiva, direta e objetiva não atuando apenas como uma mera produção de notícias. GENRO FILHO (1987) defende que o jornalismo busca produzir o efeito de verdade e veracidade, e é organizado através do *lead*. Tem como característica na organização de um texto jornalístico, ocupar o primeiro parágrafo da notícia com o resumo conciso das informações mais novas e principais do texto, buscando esclarecer as seguintes questões relativas ao fato: “Quem?”, “O quê?”, “Onde?”, “Quando?”, “Como?”, e “Por quê?”.

O caráter pontual do *lead*, sintetizando algumas informações básicas quase sempre no início da notícia, visa à reprodução do fenômeno em sua manifestação empírica, fornecendo um epicentro para a percepção do conjunto. É por esse motivo que o *lead* torna a notícia mais comunicativa e mais interessante, pois otimiza a figuração singularizada da reprodução jornalística. Eventualmente, como foi dito, esse momento mais agudo da síntese pode estar localizado no segundo parágrafo, no meio ou mesmo no fim da notícia, obtendo-se efeito semelhante. (Adelmo Genro Filho, 1987, p. 183),

Otto Groth, citado por Adelmo Genro Filho (1987), diz que “há quatro características fundamentais do jornalismo, a periodicidade, universalidade, atualidade e difusão, e que são consideradas numa perspectiva histórico-social, aquilo que chamaríamos de fenômeno jornalístico”, (GROTH, apud GENRO FILHO, 1987, documento online).

O jornalista atua como mediador entre a sociedade e os acontecimentos relevantes para o conhecimento público. Traquina (2004) fala da importância do jornalismo com a "existência de uma constelação de valores e um conjunto de normas profissionais" e exemplifica que ser jornalista é acreditar nesses valores.

Dentro do contexto, define-se o jornalismo como o ofício de narrar os fatos do cotidiano, com o objetivo de sua transmissão a um público heterogêneo e numeroso. No geral diversos autores, ao longo da história, buscam conceituar o jornalismo através de pesquisas, e separá-los por gêneros editoriais ou literários.

Buscando conceituar o jornalismo, Luiz Beltrão (1992) o define como informação de fatos correntes apropriadamente expostos e disseminados, remetidos à sociedade, com o intuito de transmitir conhecimentos e nortear a opinião pública. “Os relatos e as ideias expressas pelos veículos jornalísticos têm o propósito de permitir ao homem um pronunciamento, uma decisão, de impulsionado à ação”. O autor ainda reitera o sentido de promover o bem comum.

A sociedade, como o indivíduo, não pode escapar à evolução; o jornalismo, sem pretender traçar roteiros e exatos, atua como propulsor da ação individual, ao oferecer à massa a sumária e, por vezes, superficial análise superficial dos acontecimentos (BELTRÃO, 1992, p.99).

Para Fraser Bond (1962) o jornalismo caracteriza-se como todas as formas nas quais e pelas quais as notícias, informações, e seus comentários chegam ao receptor.

Juarez Bahia (1990) destaca que jornalismo, é o entendimento do registro e o parecer das ocorrências de interesse geral, a difusão de dados, fatos ou notícias, com lisura, factualidade, associando pensamento e ação. Ambas as defesas sobre tais conceitos do que é jornalismo, têm em comum a atividade de transmissão da informação, levando em conta questões de interesse geral, destinadas ao público-alvo, este determinado ou não.

Mário Erbolato (1984) defende que há necessidade de separar três aspectos da divulgação de um fato: informação, interpretação e opinião. Tal ponto de vista ainda conceitua três formas de jornalismo: jornalismo opinativo; jornalismo interpretativo; jornalismo informativo:

a) jornalismo informativo: com uma ênfase à notícia objetiva, ou seja, a informação pura, imparcial, impessoal e direta, que se limita a narrar os fatos. O fato em si, alicerçado no lide.

b) jornalismo opinativo: é representado na atualidade pelos editoriais e em alguns artigos de opinião e crônicas. Expressa claramente a opinião do autor, com análise ou não, mas sempre sob o ponto de vista exposto, fazendo juízo sobre o assunto. Nota-se o avanço deste segmento, inclusive no modelo americano, que é aplicado no Brasil com o crescimento dos canais de jornalismo por assinatura, como, por exemplo, a CNN Brasil. Este exemplo é visto com muita expansão em sites onde abre-se espaço para blogs.

c) jornalismo interpretativo: que traz para a prática de produção o desdobramento e o aprofundamento da notícia, como jornalismo de apuração de dados, com foco graças à investigação dos fatos possibilitada cada vez mais pelo avanço da tecnologia. No passado

arquivos tanto de transparência de gastos públicos eram de difícil acesso, por serem físicos. A tecnologia permite que os mesmos sejam acessados a qualquer momento, e caso um jornalista ou algum cidadão não tenha êxito na pesquisa, pode solicitar cópias de tais documentos.

Mas o jornalismo nada mais é do que a longa atividade de contar histórias, segundo o pensamento de Nelson Traquina (2004). O autor reitera que mesmo que sejam as histórias do cotidiano, cifradas pela forma jornalística de redigir, o jornalismo ainda pode ser e é utilizado por agentes sociais para fazer valer seus interesses, embora muitas vezes de cunho econômico da empresa que produz e comercializa o jornal. Mas o jornalismo para Traquina (2004) também é uma prática da democracia, lembrando a costumeira alusão ao jornalismo como um Quarto Poder, paralelo. Ele é socialmente legitimado a se inserir, opinativamente e propositalmente nas esferas de atuação dos três poderes; Legislativo, Executivo e Judiciário. Pena (2006), em Teoria do Jornalismo, assegura que são as empresas de comunicação as responsáveis por ordenar e pautar o cotidiano da vida em sociedade e com isso acaba exercendo seu poder de decisão do que o público irá consumir.

Diante da imprevisibilidade dos acontecimentos, as empresas jornalísticas precisam colocar ordem no tempo e no espaço. Para isso, estabelecem determinadas práticas unificadas na produção de notícias. É dessas práticas que se ocupa a teoria do newsmaking. Como explica Tuchman, a atividade jornalística é extremamente complexa, apesar de seu objetivo parecer simples: fornecer relatos de acontecimentos significativos e interessantes (PENA, 2006, p. 130).

Embora para se obter uma análise mais fiel sobre o papel do jornalismo e da função de jornalista na sociedade, é extremamente importante ainda levar em consideração o polo inverso ao ideológico, classificado por Traquina (2008) como polo econômico, que define as notícias como um negócio. É de conhecimento que os jornalistas possuem uma relativa autonomia sobre sua função, pois integram uma estrutura social maior, através de empresas das quais fazem parte, e tais empresas são conduzidas por suas próprias condições de funcionamento, hierarquias e interesses, esferas que viabilizam economicamente o negócio.

Na sequência deste capítulo discute-se as relações do jornalismo com a história, a política e o desenvolvimento, tendo em vista o objetivo deste trabalho que diz respeito ao papel do jornalismo como um forte elemento para a emancipação de Santa Rosa.

3.1 Relação entre Jornalismo e história

As relações entre o jornalismo e a história não são distantes, tampouco raras. Anteriormente definimos jornalismo como ofício de narrar os fatos do cotidiano com o

objetivo de sua transmissão a um público heterogêneo e numeroso. Heródoto no século V a.C., empregou o termo história para designar a busca do conhecimento das coisas humanas e na valorização dos acontecimentos relacionados à origem de um povo ou civilização, é o que cita Jacques (2003).

A informação divulgada pelas empresas jornalísticas, principalmente meios impressos como o jornal, é utilizada como um instrumento de contextualização e retrato do passado por pesquisadores e também historiadores, como mostra o capítulo anterior, ao referendar o livro Santa Rosa-Histórias e Memórias, (CHRISTENSEN, 2008). O jornalismo é um dos meios mais eficientes para demonstrar os costumes, os valores e as ideologias de um determinado período ou momento histórico. O relato jornalístico, através do impresso permanece como um registro do ocorrido, por décadas e décadas auxiliando na contextualização e do entendimento.

A informação é utilizada pela historiografia desde o ano de 1450, após serem incluídos na imprensa recursos minimamente consideráveis eficazes, e de credibilidade, a partir de Johann Gutemberg, é usada como registro pela historiografia. A História e a Ciência utilizam o jornalismo como ferramenta de pesquisa, embora raros enfoques que tratam de maneira diferenciada tal relação. No oposto, podemos dizer que a História pode ser interpretada também como um instrumento do jornalismo, desenvolvendo as funções de informar, orientar e explicar, baseados em fatos ocorridos, incluindo o factual ao histórico, relacionando os acontecimentos.

Já o jornalismo, conforme a proposta de Otto Groth (BUENO, 1972, p. 22) “é tratado como ciência ou técnica, tem na história uma importante ferramenta a ser explorada. Profissionalmente adequada, amparada na teoria”.

Uma maneira que seja profissionalmente adequada e teoricamente amparada, ou seja, academicamente aceita, é o que propomos neste texto. O trabalho aqui apresentado é fruto de uma pesquisa aplicada, onde sugerimos um modelo e procuramos evidenciar considerações sobre uma maneira plausível de utilizar o Jornalismo como ferramenta de recuperação da História Local, como é o caso do Jornal A Serra e sua relação com o Movimento Emancipacionista de Santa Rosa. Enquanto ferramenta de recuperação da História, o Jornalismo sustenta-se em diferentes pilares no desenvolvimento de suas funções.

Embora os jornais ao proporem uma narrativa com credibilidade e que possa assimilar a um fato do cotidiano, acabam se transformando em históricos desse fato em si. Será esse presente que se constituía a partir de seus próprios repertórios e expectativas. Como

consequência, tais ações do passado auxiliam na construção do presente, ou até mesmo na forma de assimilar a história.

Dentro da pesquisa se busca fatos e argumentos que possam através desta investigação contar uma história. A narração deste acontecimento favorece a compreensão sobre o papel de tais narrativas jornalísticas na construção destas memórias. Embora a imprensa ao definir o que é publicável emite o poder de decisão sobre o que ficará de relato histórico, dos quais serão consumidos pelo público. Neste sentido entender os exemplares de jornais como relatos históricos, faz com que estes vestígios de conexões possam esclarecer em testemunhos midiáticos a subjetividade, a qual pode definir o período ou até mesmo o fenômeno.

A função primordial da narrativa é ser a ‘guardiã do tempo, segundo o que defendem Paul Ricoeur, Goulart, Leal e Gomes. Para eles, a narrativa se materializa numa relação entre a intriga e a temporalidade. Já no caso das narrativas midiáticas, Paul Ricoeur, Goulart, Leal e Gomes acionam o lugar que a mídia assumiu como narradora dos fatos históricos, e além da memória, os autores pontuam o tempo histórico, o testemunho, a experiência (no sentido empírico) e o gênero como figuras de historicidade.

No mesmo sentido buscaremos a história para entender a política no Brasil, desde os seus primórdios.

3.2 Jornalismo e Política no Brasil

Aristóteles ao introduzir o pensamento de política através de oito livros publicados 1.272 a 1274 A.C , e que não restam dúvidas sobre sua procedência, define a política como o objetivo da felicidade humana, dividindo-a em ética, e na política propriamente dita. Seus estudos tinham por intuito de investigar as instituições capazes de assegurar uma vida feliz ao cidadão. A política se baseia no campo das ciências práticas, que buscam o conhecimento por meio da ação.

Os séculos se passaram, e a ideia de política passou a se consolidar junto com os estudos e as mudanças nas formas de governo. A criação e o amadurecimento da democracia nos quatro cantos do mundo originou a criação dos partidos políticos, e mais tarde a escolha dos governantes contou com a participação cidadã.

No Brasil, desde a chegada do Corte Real até o início do século 19, diversas formas de governo foram testadas, mas foi nos últimos 30 anos que a democracia presidencialista

caminhou lado a lado ao fortalecimento dos partidos políticos. Acompanhando todas as mudanças de sistemas políticos e integrando movimentos contra a ditadura militar, o jornalismo contribuiu para a retomada da democracia.

O jornalismo e a política caminham juntos. Freitas-1992 diz que as relações entre jornalismo e política no Brasil enfatizam e embasam as tendências modernas da apresentação pública e do esvaziamento da mesma e sua metodização acelerada, lado a lado com o crescimento da apatia política.

País com um histórico de baixa participação política, com uma sociedade civil embrionária e frágil, sem um sistema partidário efetivamente implantado no imaginário e nas práticas sociais, com traços arraigados de autoritarismo nas relações sociais, o Brasil tem um mercado simbólico profundamente distante do ideal liberal da livre concorrência (FREITAS, 1992, p.78).

No contexto que a mídia tem para cumprir o papel na produção de sentido para a população, construindo e delimitando cenários e agendas, o jornalismo por si só é por essência político, capaz de propagar, publicizar e convencer. Sempre se posicionou o trabalho necessário no contexto político e econômico desde o surgimento da imprensa no Brasil, em 1808. Interesses da burguesia se contrapunham contra a Coroa. Com isso a Coroa fez o uso da imprensa oficial como forma de manter-se no controle político da colônia. Outro fator fundamental a ser destacado é que o jornalismo sempre foi fundamental, embora no contexto diferente do atual.

Ano mais tarde, em 1964, com a censura imposta pela ditadura militar o jornalismo TV novamente um papel importante na democracia e na política. O governo autoritário cria uma lista de assuntos proibidos, com o intuito de impedir que a população conhecesse os principais acontecimentos, principalmente as ações de violência e até mesmo morte de cidadãos que se opunham ao sistema. Maria Aparecida de Aquino (1999, p.233) conclui de forma sucinta e clara a ideia central da censura neste período: “As variáveis de ordem temporal e a diversidade dos periódicos em face dos objetivos do Estado autoritário brasileiro, permitiram a elaboração de um perfil, multifacetado e não-aleatório, da atuação da censura”.

Em um primeiro momento, entre 1968 e 1975, a censura assume um caráter amplo, agindo indistintamente sobre todos os periódicos. De 1968 e 1972 tem-se uma fase inicial em que há uma estruturação da censura, do ponto de vista legal e profissional, e em que o procedimento praticamente se restringe a telefonemas e bilhetes enviados às redações. Na segunda fase (de 1972 a 1975) há uma radicalização da atuação censória, com a institucionalização da censura prévia aos órgãos de divulgação que oferecem resistência. Observa-se que em parte desse período o regime político

recrudescer em termos repressivos, momento em que o controle do Executivo pertence aos militares identificados com a “linha-dura”. O ano de 1972 marca a radicalização e a instauração da censura prévia, e coincide com a discussão da sucessão presidencial que levará à escolha do general Ernesto Geisel, oriundo da ala militar da “Sobornne” e que terá uma grande dificuldade de aceitação por parte dos militares da “linha-dura”. Estes prosseguirão controlando altos cargos (por exemplo, o Comando do II Exército em São Paulo), durante algum tempo. Entre 1975 e 1978, observa-se que a censura passa a ser mais restritiva e seletiva: lentamente vai se retirando dos órgãos de divulgação, bem como diminuem de intensidade as ordens telefônicas e os bilhetes às redações. (AQUINO, 1999, p. 212)

Segundo dados do IBGE, atualmente 13 milhões de brasileiros não sabem ler nem escrever, o que representa 8,7% de jovens acima dos 15 anos. Dados do analfabetismo no Brasil, além das precárias condições do ensino de primeiro e segundo graus, fundamental e médio, somado com o baixo poder aquisitivo, além da fragilidade das organizações sociais, faz com que quase a totalidade dos brasileiros têm acesso a assuntos políticos na imprensa, e isso acontece na maioria das vezes através da televisão. Temas políticos tem um tratamento dado, especialmente pela televisão, baseiam-se atualmente em notícias publicadas em reportagens exclusivas de jornais impressos e seus canais digitais de publicação e propagação de notícias, como sites e redes sociais. Isso fazendo com que a mídia televisiva tenha historicamente influência na definição da agenda nacional de discussões, que muitas vezes são pautadas não pelos dois principais princípios alusivos do jornalismo: imparcialidade e pluralismo.

Nota-se como predomínio na cobertura do jornalismo a tentativa de uma representação da política como uma dimensão negativa da vida social. No contexto, a política é apresentada sem o elemento constitutivo: o debate público, democrático e contraditório. O que deve ocorrer em torno de alternativas para a organização da vida coletiva. Embora a política caminhe como um jogo entre elementos descontextualizados de suas preferências e dos interesses por eles representados.

Não há espaço adequado para posições diferentes ou divergentes na imprensa escrita, falada e televisada. Praticamente há apenas uma única versão, a versão oficial. Isso transparece não apenas nos editoriais, mas também nos noticiários: notícias que possam ser prejudiciais ao governo são omitidas pela imprensa ou recebem espaço diminuto. (...) Existem inúmeras possibilidades de reforma administrativa, de reforma agrária, de reforma tributária, de reforma eleitoral e, no entanto, a mídia trata como se a única reforma possível fosse aquela apresentada pelo governo (...) É impossível afirmar que há liberdade de opinião e de expressão se as opiniões divergentes não podem vir a público ou só vêm a público de forma reduzida ou depreciativa. (LESBAUPIN- 1997, p.79)

Quando relacionamos imprensa e política cabe ressaltar questões mais amplas que norteiam estas relações. Ressalta-se a necessidade de avaliar o painel atual da imprensa

brasileira, suas características centrais e relações com o poder político-econômico no país. A concentração de propriedade no cenário contemporâneo da convergência tecnológica no setor de comunicações é enorme, segundo LIMA (1992, p. 67): “Sem precedentes a concentração de propriedade, provocando a consolidação e a emergência de um reduzido número de mega-empresas mundiais.” Tais fatos referem-se à concessão de veículos de imprensa a limitados grupos familiares e as relações que os mesmos possuem com políticos. Resulta-se na ausência de um pluralismo de ideias e um notório aumento do poder opinativo.

O setor cada vez mais responsável pelo controle do imaginário social brasileiro – imprensa escrita e radiodifusão – é um dos mais centralizados ou monopolistas no país. É também um dos mais familiares: nove clãs controlam mais de 90% de toda a comunicação social brasileira. Trata-se de jornais, revistas, rádios, redes de televisão, com mais de 90% de circulação, audiência e produtos de informações. (Sodré, 1992, p. 68)

Na relação entre jornalismo e política, Albuquerque (1999) entende que o jornalismo brasileiro exerce uma espécie de poder moderador: capaz de arbitrar as disputas entre os outros poderes e de assumir um papel de defensor de um interesse superior, extrafacções, ligados a uma ideia abstrata de bem comum e de democracia. Ideia instigante, mas que deve, porém, ser relativizada.

Porém, tal relativização se dá, pois é impossível rigorosamente tratar o jornalismo brasileiro como quarto poder, fiscalizador ou auxiliar dos outros poderes. “Trata-se de um poder rival ao da política na medida em que não só se define como o espaço da revelação, mas como o próprio lugar de informação daquela.” (Fausto Neto, 1999, p. 7). Em linhas gerais nota-se que o jornalismo apresenta-se como um ator constitutivo da política, procurando camuflar a defesa de uma visão particular dos problemas e temas políticos e econômicos nacionais e internacionais. Embora a visão expresse na maioria das vezes os interesses empresariais e políticos.

3.3 Jornalismo e desenvolvimento

Historicamente ouvimos que é o jornalismo o grande responsável e incentivador do desenvolvimento de uma sociedade, através de um trabalho de apresentação de problemas e busca por saídas, que resultam na melhoria da qualidade de vida de uma população. A informação é capaz de desenvolver uma sociedade, mas obviamente o jornalismo é feito por

peças, dentro de empresas que buscam também o seu desenvolvimento econômico, para viabilizar o trabalho de jornalistas.

O desenvolvimento passa pelo papel que o jornalista tem assumido na sociedade, dentro de debates acerca do jornalismo na contemporaneidade, de acordo com Marcondes Filho (2009). Também referimos a interferência do jornalismo na escolha dos conteúdos que são apresentados ao público tomando como base a Teoria do Newsmaking, com Wolf (2001), Traquina (2004) e Pena (2006). Já no contexto do conceito de jornalismo de desenvolvimento, a partir do que postula Kunczik (2002) o capital social, ao lado da cultura, são importantes possibilidades de contribuição e busca do desenvolvimento econômico e social.

O capitalismo social é fundamentalmente, formado pelo grau de confiança existente entre os atores sociais de uma determinada sociedade, pelas normas de comportamento cívico praticadas e pelo nível de associativismo que a caracteriza. Estes elementos evidenciam a riqueza e a força do tecido social interno de uma sociedade (KLIKBERG, 2002, p. 10).

É possível ter um jornalismo que contribua, de alguma forma, para o Desenvolvimento Local. Também é importante entender o papel que o jornalista assume neste sentido. As soluções práticas estão mais próximas de serem encontradas, embora os estudos sobre Comunicação e Desenvolvimento Local se encontram em construção. É possível conceber o jornalismo como instrumento de desenvolvimento local, mas para isso os veículos de imprensa precisam incorporar em suas pautas temas de interesse desse tipo de desenvolvimento nas questões sociais, salientando ações de empreendedorismo que possam fortalecer a economia, gerar empregos, com isso desenvolver uma comunidade.

Esse desenvolvimento defendido pelo jornalismo local, apresenta exemplos na história registrada pelo jornal A Serra, quando divulgou na capa da edição do dia 04 de janeiro de 1931, o texto “Organizemos uma cooperativa em Santa Rosa”, defendendo a união entre os colonos da época para fortalecer a economia local.

Pensávamos em ventilar uma ideia de organização em Santa Rosa de uma sociedade cooperativa, quando soubemos que esse mesmo desejo já alimentavam algumas pessoas daqui, entre os quais um comerciante daqui. Melhor ainda, é que essa ideia nobre e alevantada, já tem raízes, vem de longe, podendo agora desenvolver-se e tornar-se uma realidade. (SERRA, 1931, capa).

Em relação à situação que atualmente o mundo passa, com a pandemia do coronavírus-COVID-19, a importância do jornalismo é sentida a cada dia, não só no fato de informar com o intuito de preservar vidas, mas também no sentimento positivo repassado ao

público, especificamente empresários que tiveram seus negócios atingidos pela crise econômica, mas também os trabalhadores que perderam seus empregos devido ao cenário. Mas a qualquer tempo, o jornalismo estimula de alguma forma o desenvolvimento, engajando-se também à política:

O jornalismo de desenvolvimento é definido como o desdobramento dos meios de comunicação durante certo período em uma área específica a fim de agilizar ou melhorar a execução de um projeto em particular e seu propósito de informar e motivar as pessoas para a área que afeta o projeto. Além disso, muitos autores acham que o jornalismo de desenvolvimento é também um instrumento que permite alcançar objetivos políticos específicos, como a modernização ou a edificação de uma nação. No entanto o jornalismo de desenvolvimento não se converte de modo algum em porta-voz do governo, uma vez que não exclui a possibilidade de uma perspectiva investigadora e crítica (KUNCZIK, 2002, p. 133).

O cumprimento do papel social do jornalismo é evidente na perspectiva de Traquina (2004, p. 128): “A teoria democrática aponta claramente para os meios de comunicação o papel de ‘mercado de ideias’ numa democracia, em que as diversas opiniões da sociedade podem ser ouvidas e discutidas.” Ainda leva-se em consideração a religião e a economia, que são sistemas que interagem com o desenvolvimento através do jornalismo. Ainda em novas conceituações de jornalismo e desenvolvimento Kunczik (2002) utiliza os relatos das propostas por Cees Hamelink, em *Cultural Autonomy in Global Communication*, onde relaciona a participação da sociedade no trabalho de impedimento da manipulação das informações por parte dos jornalistas e das empresas de notícias.

Já a participação do jornalismo no desenvolvimento local é mais visível no dia-a-dia da sociedade, pois não são vistos sob a ótica da redução de territorialidade, mas sim como sinônimo de pequeno espaço. Franco (2000) defende a identificação da sociedade local baseada nas ações voltadas acerca deste espaço.

O conceito de local se adquire, pois, a conotação de alvo socioterritorial das ações e passa, assim, a ser redefinido como o âmbito abrangido por um processo de desenvolvimento em curso, em geral, quando esse processo é pensado, planejado, promovido ou induzido. (FRANCO, 2000, p. 27)

Pela pesquisa, observa-se que o jornalismo contribuiu para o desenvolvimento econômico também de Santa Rosa. Christensen (2008, p.68) menciona a participação de veículos de imprensa como difusores de notícias sobre abertura de novas empresas, desde a época da Colônia 14 de Julho, quando encontravam-se em plena atividade a fabricação de carroças.

Christensen (2008) comenta que com o passar do tempo foram sendo criados empreendimentos comerciais e eles, ganhando força, investiam em publicidade no A Serra. “Conseqüentemente o jornal mantendo o seu interesse político buscava dar noticiabilidade para as empresas que vinham surgindo.” Na seqüência, será analisado o jornal A Serra, a partir dos resultados da pesquisa empírica.

4. JORNALISMO E POLÍTICA EM SANTA ROSA: A CONTRIBUIÇÃO HISTÓRICA DO JORNAL A SERRA

Com base na importância do jornalismo como registro histórico, no jornalismo como ferramenta de desenvolvimento e no jornalismo político, esta pesquisa apresenta neste capítulo os resultados de campo, obtidos a partir dos dados empíricos e da análise do Jornal A Serra (1929 – 1977), da cidade de Santa Rosa, no Noroeste do Rio Grande do Sul. Na análise considera-se as estratégias desenvolvidas pelos redatores do A Serra, em prol do movimento emancipacionista da então Colônia 14 de Julho, atual Santa Rosa. Para tanto, o método escolhido foi o qualitativo com inspiração etnográfica para a coleta de dados.

4.1 Objeto e metodologia

O método qualitativo foi o escolhido para esta pesquisa por estar ligado diretamente às áreas de Ciências Sociais Aplicadas, especialmente do campo da Comunicação, como defende Veiga (2014, p.66). O recurso proporciona uma conduta mais flexível, aberta e oportunizando a interação com representações culturais, a qual justifica a metodologia deste estudo. O desenvolvimento da atual perspectiva se dá por alcançar “como preocupação central descrições, compreensões e interpretações dos fatos ao invés de medições.” (MARTINS; THEÓPHILO, 2007 apud VEIGA, 2014, p.67). O método é alicerçado a partir de:

“Trechos de documentos, registros, correspondências; gravações ou transcrições de entrevistas e discursos; dados com maior riqueza de detalhes e profundidade; interações entre indivíduos, grupos e organizações, contribuem diretamente para o desenvolvimento desta defesa” (MARTINS; THEÓPHILO, 2007, p.137 apud VEIGA, 2014, p.67).

A pesquisa se desenvolveu em três partes: bibliográfica, histórica e empírica. Na bibliográfica buscou-se os principais referenciais teóricos sobre o jornalismo para fundamentação da discussão e apoio para a pesquisa histórica e empírica. A pesquisa histórica se caracterizou pela consulta a documentos e materiais que contribuíssem para resgatar a história do jornalismo em Santa Rosa e também trata-se de uma pesquisa empírica, ou seja, uma pesquisa de campo, caracterizada pela contemplada com a coleta e interpretação dos dados, a partir do jornal impresso A Serra, um dos pioneiros do jornalismo em Santa Rosa, RS, no sentido de comprovar pela busca em seus arquivos e reportagens o papel central que

este jornal teve para a emancipação política do município. Assim, foram realizadas entrevistas de apoio, visitas ao Museu Municipal e seleção de reportagens, que foram digitalizadas para análise, o que será desenvolvido a seguir, com as edições do Jornal A Serra dos dias 04 e 25 de fevereiro e 05 de julho e 16 de agosto, as quais estão disponíveis e catalogadas para consulta.

4.2 O Jornal A Serra e a emancipação

O jornal A Serra circulou pela primeira vez no dia 1º de janeiro de 1929, quando Santa Rosa ainda era Colônia 14 de Julho, pertencendo a Santo Ângelo, nas Missões. Esta pesquisa teve acesso a apenas fotos da primeira edição, mas não é possível identificar os textos descritos. O único relato encontrado foi de Clovis Medeiros¹³ (2001) que publicou em sua coluna, no Jornal Noroeste, edição do dia 05 de janeiro de 2001, um texto relatando a criação e a importância do Jornal A Serra. A foto que ilustra a coluna é da primeira edição do jornal. Apenas nota-se o título “A Municipalização de Santa Rosa”. Fernando Albino da Rosa (1935,p.23) no livro Santa Rosa no Centenário Farroupilha, afirma que com o jornal “A Serra iniciaram-se os primeiros movimentos pró-emancipação do município de Santa Rosa” e que, do qual o Major Santos Oliveira emprestou todo o seu apoio”. O relato também é comprovado por pessoas que viveram neste período e acompanharam o processo de criação e crescimento do jornal.

Inspiradas nos são propósitos que determinam o seu aparecimento, A Serra foi um dos maiores paladinos da emancipação, da nossa comuna, batendo-se ardosa e incansavelmente em prol desta ideia, cuja realização teve lugar a 1 de julho de 1931, com a assinatura do decreto respectivo pelo eminente General Flores da Cunha, interventor do Estado. (FERNANDO ALBINO, 1935, p.47).

¹³ Clóvis Soares era professor e historiador, dedicou-se parte de sua vida para compartilhar histórias em sua coluna semana do Jornal Noroeste, e em programas da Rádio Noroeste.

Figura 13 - Jornal A Serra



Fonte: Arquivo do Jornal Noroeste

Embora não se obtive êxito na tentativa de localizar as primeiras edições, esta pesquisa localizou exemplares do Jornal A Serra no Museu Municipal de Santa Rosa, em condições de leitura s, encadernados e à disposição para serem utilizados como fonte. O diretor da Empresa Jornalística Noroeste, Sérgio Ambros Mallmann, em entrevista para este estudo¹⁴, destacou que lembra de relatos sobre a primeira edição do A Serra. “A Serra trouxe em sua capa o compromisso com o movimento emancipatório de Santa Rosa. Todo o esforço se justificava pelo desejo de desenvolver a Colônia 14 de Julho e torna-lá município”. Neste norte Santa Rosa passou a receber informações semanais do dia-a-dia da colônia, com alguns fatos da região e da política estadual e nacional.

Lembro do meu pai contando que na época o jornal era muito forte, todos recebiam ele, e como era feito por intelectuais, tinha uma redação muito bem desenvolvida, sempre focado no positivismo, buscando unir a comunidade em prol de demandas locais. Tanto que levamos até hoje aqui no Jornal Noroeste este desejo, de contribuir com o desenvolvimento de Santa Rosa. Tenho certeza que os relatos que meu pai fazia sobre A Serra fez com que eu, mais, junto com meus sócios da época colocasse

¹⁴ Entrevista verbal com Sérgio Ambros Mallmann aconteceu na quinta-feira, 11 de junho de 2020, na sede da Empresa Jornalística Noroeste.

na praça o Noroeste. Buscamos justamente trazer a primeira mensagem do A Serra para o novo primeiro jornal. Santa Rosa Nascemos Para Você, e é impossível ler esta mensagem sem lembrar da importância que teve A Serra para este projeto que hoje chega a 49 anos. (MALLMANN, 2020, relato verbal).

Mas são exemplares a partir do dia quatro de janeiro de 1931, no ano da emancipação de Santa Rosa. A primeira menção sobre emancipação está registrada na edição do dia 25 de janeiro de 1931, quando A Serra traz em sua capa “A Emancipação do Município de Santa Rosa”. No texto do redator Fernando Albino da Rosa nota-se que o jornal busca levar com otimismo a informações e semear a importância de acreditar no movimento emancipacionista, trazendo a boa nova de uma possibilidade que o sonho seja alcançado ainda em 1931.

Somos pelo direito, e se não fossemos não estaríamos pelo direito a pleitear a nossa emancipação que syngentista, mais que nossos anseios de liberdade o nosso grande desejo de cooperar pelo progresso do Rio Grande da Pátria. Preade por isso a atenção de todo o santarozense, neste momento, o próximo desmembramento desta colônia e a constituição do município de Santa Rosa. As informações que tivermos a respeito foram as mais otimistas, e a municipalização de Santa Rosa se dará ainda neste ano. Confiemos sempre e cada vez mais nos homens que estão à frente dos nossos destinos. (SERRA, 1931, capa).

Figura 14 - 25 de fevereiro de 1931



Fonte: Arquivo Museu Municipal de Santa Rosa

Depois disso, cada passo que era dado em busca da emancipação recebia destaque nas edições impressas, tanto na capa, quanto na contracapa. A relação do Jornal A Serra com o movimento emancipacionista teve um fato importante registrado no dia 1º de fevereiro de 1931, quando A Serra circulou com sua manchete de capa: “Está definitivamente assentada para junho a emancipação de Santa Rosa”. A notícia fez relação com a edição da semana anterior, certificando que os mesmos estavam certos ao prever que Santa Rosa seria município ainda em 1931. Fernando Albino (1935, p 57) relatou que “essa notícia veio para dissipar da ideia de *santarozenses* pessimistas e reafirmando ao mesmo passo a convicção da maioria que

defende a emancipação”. O anúncio feito pelo jornal deixa transparecer que o grande ideal defendido pelo A Serra seria enfim realizado, após quatro anos de reportagens sobre o tema.

“Essa notícia veio dissipar a dúvida que ia se formando no espírito de muitos santarosenses pessimistas, reafirmando ao mesmo a convicção da maioria que conhecendo a legitimidade da causa que esse jornal defendia que nunca descrendo na palavra de nossos dirigentes, estava convicta estava mesmo certa de que o seu grande ideal, seria realizado, logo tão possível. A Serra desde seu nascimento vem colaborando na defesa dos interesses de Santa Rosa, seguindo pari-passu o seu desenvolvimento agrícola, industrial e comercial e que em artigos sucessivos tem exposto a luz meridiana as razões em que se baseia essa população a pedir pela emancipação. (SERRA, 1931, capa)

Figura 15 - 01 de fevereiro de 1931



Fonte: Arquivo Museu Municipal de Santa Rosa

Os meses passaram e Serra chegou em sua 121ª edição no dia 05 de julho de 1931, com a Municipalização de Santa Rosa consolidada, coube ao jornal apresentar em sua edição de capa os sete povoados que integrariam o município recém formado. A matéria também publica as divisas através de rios, além das programações de festividades e de que forma ocorreriam a divisa das terras. Relatos da notícia publicada pela A SERRA (1931, capa) que “Quando affixamos em nosso placard quinta-feira, as 20h, a grande notícia e fizemos subir aos ares girândolas de foguetes, com pessoas se abraçando e aplaudindo em frente a nossa redação”. A notícia busca justamente dar conhecimento público sobre o reconhecimento que a comunidade tinha para com o então movimento emancipacionista, e ao trabalho feito pelo jornal a fim de vencer esta etapa. Com isso, A Serra se dedicaria a tratar sobre temas de desenvolvimento, já que seu papel político-econômico havia sido cumprido naquele momento, e com êxito.

Claro que cabe ainda ressaltar que com base na matéria é possível verificar a linguagem utilizada pelo jornal na década de 30, que é considerada para a esmagadora maioria dos historiadores da imprensa um período de consolidação da imprensa burguesa. Para Sodré (2008, 32), “O terceiro decênio do século foi de grande desenvolvimento da imprensa, particularmente no sentido de consolidar sempre a estrutura empresarial”. A Serra apresentava essas linguagens, comprovando a defesa de Nelson Werneck. Ainda sobre a influência do A Serra na política e no desenvolvimento do município, a coordenadora do Museu de Santa Rosa, Anete Rosane Krebs Guimarães, em relato¹⁵, concorda com as afirmações anteriores, tanto de Teresa Christensen, quanto de Clovis Soares, que o jornal A Serra foi criado para fortalecer o movimento emancipatório.

“A Serra foi criada para emancipar Santa Rosa e manter a força de políticos da época, e em 1936 foi criado o jornal Combate (28 de março a 30 de julho) que fazia oposição para “A Serra” e denunciava o que na época não era trazido a público. O Combate teve quatro edições e foi tirado de circulação por coronéis da época porque não queriam que o jornal continuasse expondo informações e intrigas sobre a política. O Jornal era produzido em Cruzeiro-que pertencia a Colônia 14 de Julho, mas também tinha o interesse de se emancipar. O Combate teve ordem para fechamento, e teve de sair de Cruzeiro e se instalar no mesmo prédio onde era produzido A Serra. Não durou muito tempo e encerrou suas atividades pois foi inviável. (GUIMARRÃES, 2020, informação verbal).

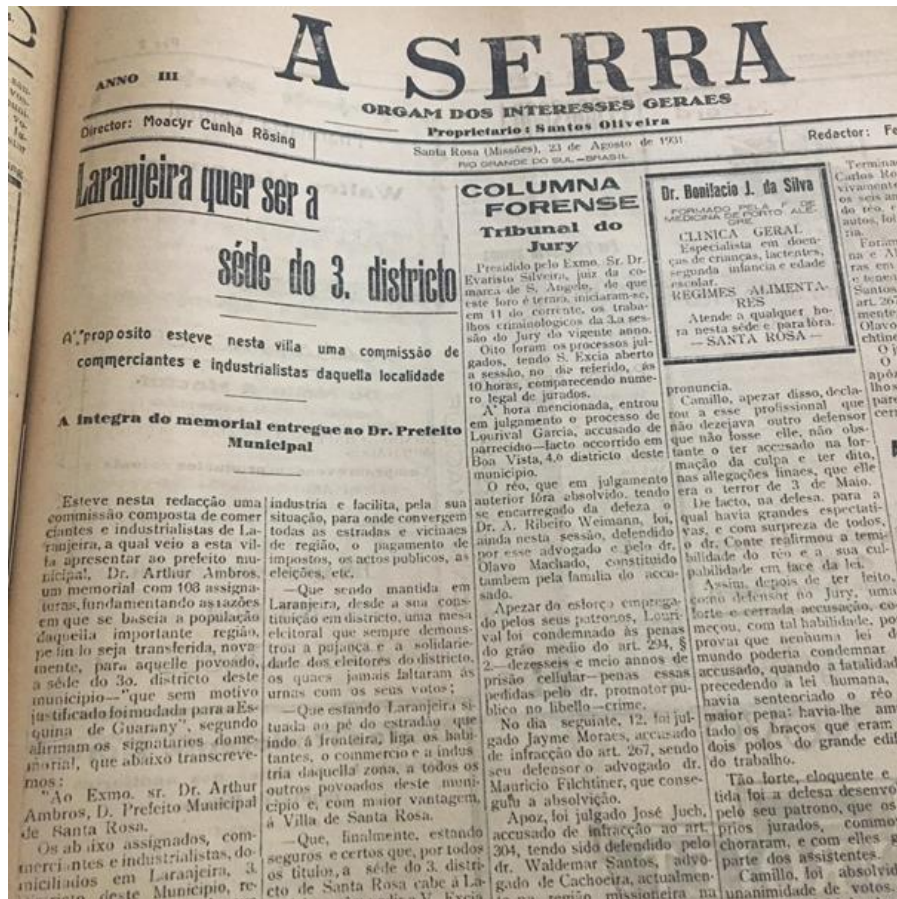
Ainda cabe ressaltar o trabalho do Jornal A Serra na cobertura política do então município de Santa Rosa. CHRISTENSEN (2008 p.100, 101) menciona a cobertura política do A Serra ao relatar o primeiro prefeito eleito pelo povo, Coronel Osmar, empossado no dia

¹⁵ Entrevista verbal com Anete Rosane Krebs Guimarães ocorreu na sexta-feira, 25 de junho de 2020.

17 de novembro de 1935, que não chegou a concluir o mandato. “Na gestão enfrentou grandes problemas, que além de ordem política, enfrentava os de ordem ideológica”. Outro ponto a ser levado em conta é a utilização e disputa entre as pequenas vilas interioranas para ser a sede do distrito. Na edição do A Serra do dia 23 de agosto de 1931, a capa da edição circulou com a seguinte manchete: “Laranjeira quer ser a sede do terceiro distrito”. No corpo da matéria, o redator Fernando Albino da Rosa destaca que um grupo de apresentou na redação um abaixo-assinado defendendo a vila como sede do distrito, pois “possui comércio e indústria desenvolvidos, população densa, e que a maioria dos eleitores estão situados no centro do território.” (A SERRA, 1931, capa).

Que sendo mantida laranjeira desde a sua constituição em Distrito, uma mesa eleitoral que sempre demonstrou a pujança, e a solidariedade dos eleitores do distrito, os quais jamais faltarão às urnas com seus votos caso o pedido for atendido. Por estes e outros fatores se mostram a justificativa em olhar para nossa localidade com mais dedicação (SERRA, capa).

Figura 16 - A Serra, 23 agosto de 1931



A Serra também através de textos jornalísticos expõem seu pensamento e alinhamento com ideias de desenvolvimento, defendidas como uma necessidade da época. Na pesquisa, verifica-se que a edição dia 04 de janeiro de 1931, traz o texto “Organizemos uma cooperativa em Santa Rosa”, o qual defende a união entre os colonos da época que para desenvolver o setor, deveriam se unir em uma cooperativa, e pensar coletivo. O jornal assumiu seu papel no jornalismo local.

É inegável os benefícios que virá a prestar à população, aos agricultores e mesmo ao comércio em geral a criação de uma cooperativa de compra e venda. O colono uma vez associado terá a venda de seu produto melhorada, pois a cooperativa lhe garantirá a compra pagando um preço coerente e favorecerá ainda mais a vida do produtor batateando, vendendo-lhe pro preço baixo, mercadoria e outros artigos que lhe careça, não estando sujeito assim as explorações. Além disso uma cooperativa irá desenvolver próprio comércio, livrando-nos da enganação que muitas vezes estamos sujeitos. A nobre iniciativa, estamos certos, o próprio chefe da colônia Dr Artur Ambos prestará o seu valioso concurso, é necessário porém, que congreguemos esforços, unamos vantagens, e metamos de uma vez mãos a obra, que além de seu pensamento econômico é patriótico e levada. (SERRA, 1931.p. capa)

Os anos se passaram e um grupo formado por 77 agricultores fundaram em 29 de junho de 1968 a Cooperativa Mista Santa Rosa Ltda-COTRIROSA, atualmente com uma estrutura sólida, com rede de supermercados, postos de combustíveis, recebimento de grãos e assistência técnica agrícola aos associados.

Na época, 14 de Julho nada mais era do que um distrito de Santo Ângelo, não possuía órgãos públicos e o acesso ao desenvolvimento era restrito. Eram inúmeros problemas, inclusive de locomoção, pois a via a férrea não vinha até o município.

Na edição 145, publicada pelo A Serra no dia 18 de outubro de 1931, quando Santa Rosa já era município, uma reportagem na capa do jornal, intitulada “O problema rodoviário” atenta para o problema das rodovias, na época ainda de terra. A Serra (1931, capa) cita que “Santa Rosa vem a dois anos sofrendo com a falta de meios de transporte devido o mau estado de suas rodovias”. Na matéria, o redator Fernando Albino da Rosa defende uma união da comunidade da região para solucionar o problema, cobrando assim do Estado uma recuperação das vias.

Temos contudo a certeza que tanto o prefeito, quanto o chefe da Comissão de Terras, hão de tomar as providencias que as necessidades do momento impõem, para quem possam ser reparadas, as estradas em questão, principalmente nos pontos que elas acham mais obstruídas. É o que esperamos e é o que espera a população tenaz e laboriosa dessas regiões (SERRA-1931, capa).

Antes de entrar para a análise é importante relatar que o jornal A Serra se dedicou em contar todos os fatos que tinham relação com a emancipação do município de Santa Rosa.

A emancipação foi um marco importante para a busca pelo desenvolvimento do município de Santa Rosa. No mesmo norte mostrou o papel do jornalismo em estar presente a problemas da sociedade.

4.3 Análise das narrativas emancipacionistas do Jornal A Serra

Não restam dúvidas de que o Jornal A Serra foi criado pensando no fortalecimento do movimento emancipacionista, buscando transformar a Colônia 14 de Julho na Santa Rosa de hoje. Tanto que Fernando Albino da Rosa (1935, p.77) deixa muito claro em seus livros publicados, sobre a participação do jornal neste processo. Mallmann (2020) lembra de relatos da primeira edição, onde o jornal destaca o compromisso com o movimento emancipacionista e com isso utilizaria o veículo impresso para narrar desde aquele momento o trabalho buscando êxito do projeto.

Chamam a atenção afirmações como o compromisso com o desenvolvimento, que o redator Fernando Albino da Rosa utilizava para produzir efeito de verdade e convencer os leitores que era a melhor saída naquele momento. Tais narrativas buscaram através do jornalismo a construção da cultura e na democracia, relatando eventos de interesse humano, como defende GENRO FILHO (1987). Os textos jornalísticos do A Serra, neste primeiro momento entre a luta e a emancipação, de 1929 a 1931, são muito característicos da década de 30, onde ocorreu a consolidação da imprensa burguesa, quando suas redações procuraram expressar opinião em prol deste movimento, como cita (Sodré, 2008).

A Serra, no período entre 1929 a 1931 divulga informações contínuas ressaltando nos textos palavras e posicionamento que ressalta a importância da emancipação. Os textos expressavam ideias do próprio jornal em prol do movimento emancipacionista, que para Luiz Beltrão (1992), tem o intuito de favorecer uma decisão. As edições do A Serra que acompanhamos não tinha o cuidado de separar informação, interpretação e opinião, principalmente quando os fatos narrados tinham relação com a emancipação de Santa Rosa, cuidados estes que Mário Erbolato (1984) defende como necessidade para configurar e separar o jornalismo opinativo; jornalismo interpretativo e o jornalismo informativo.

Outro ponto observado é o relato histórico produzido pelo A Serra, ao narrar o processo de emancipação, em que o próprio jornal em suas edições cita que nasceu justamente para registrar essa luta, pois de acordo com Nelson Traquina (2004) o jornalismo nada mais é do que a longa atividade de contar histórias. Ainda dentro deste pensamento, é notória a utilização de agentes sociais, que passam a receber destaque nas edições, para fazer valer os interesses do jornal, que no caso do A Serra, seria a emancipação, atendendo aos interesses do proprietário do jornal o General Santos Oliveira, que apoiava abertamente o emancipacionismo, (CRISTENSEN, 2008, p.88), mostrando na prática a teoria do jornalismo que defende a atividade como um quarto poder, na época paralelo. Cabia ao próprio jornal pautar os assuntos, e como o foco principal era o emancipacionismo, o tema ganha destaque contínuo nas páginas, como é notado no capítulo anterior através das edições acompanhadas. Um posicionamento comprovado, que se ancora ainda em Pena (2006), para entender por que a direção do jornal exercia seu poder de decisão do que o público iria consumir, levando em conta seu interesse econômico.

A atuação do Jornal A Serra, levando em conta as abordagens do jornalismo e política, em matérias e edições acompanhadas nesta pesquisa, adota uma espécie de poder moderador, embora não fique explícito esse formato, mas divergindo em partes de Albuquerque (1999) que entende que o jornalismo brasileiro exerce uma espécie de poder moderador: capaz de arbitrar as disputas entre os outros poderes e de assumir um papel de defensor de um interesse superior.

Identificou-se que no jornal, pelo menos nas partes analisadas, de 4 de janeiro de 1931, até o mês o dia 16 de agosto do mesmo ano, se absteve de moderar, apenas não publicou. Em linhas gerais nota-se que o papel da Serra foi incentivar o desenvolvimento de Santa Rosa, expressando na maioria das vezes os interesses pessoais.

Outro ponto levado em conta na pesquisa, foi o fato de o jornal discordar de qualquer posicionamento contrário ao apoio a emancipação da Colônia 14 de Julho. Na matéria publicada no dia 05 de julho de 1931, abordando “A Municipalização consolidada”, o jornal deixa claro, que a notícia veio para enfraquecer as ideias contrárias, que afirmavam na sociedade de que a emancipação não aconteceria. Na mesma matéria o redator admite que existia na sociedade ideias contrárias a emancipação, e as denomina como pessimistas. Em nenhum outro momento foi identificado qualquer notícia publicada onde eventual fonte relate a contrariedade ao movimento. Já ao referir-se aos apoiadores da emancipação, o jornal utiliza de uma narrativa elogiosa, a mesma utilizada para citar a Colônia. Defensores do movimento eram reconhecidos nas matérias como “nobres homens de bem trabalhando lutando pelo

desenvolvimento de Santa Rosa”, “homens destemidos”, “homens virtuosos”, “homens honestos e comprometidos”, dentre outros adjetivos.

Embora não se tenha registro de nenhum relato de censura ao jornal A Serra ou de conhecimento público, comprovado até o momento, apurou-se que após a emancipação, houve a tentativa de sustentação de um jornal opositor às ideias defendidas pelo A Serra e pelo grupo político da época. Trata-se do Jornal Combate, que declaradamente afrontava o sistema e denunciava os políticos da época, por atenderem a interesses pessoais. Embora muito antes do Regime Militar que o Brasil viveu na década de 60, ao relacionar o fechamento do Combate, após decisões de coronéis da época, pode-se afirmar que ocorreu censura, que segundo entendimento de Maria Aparecida de Aquino (1999) é típico de governos autoritários quando têm suas ideias e ideais contestados.

Observa-se também que logo após a notícia da emancipação política de Santa Rosa, em julho de 1931, o jornal passou a divulgar notícias sobre demandas da cidade, e projetos que visavam ao desenvolvimento. A partir daquele momento o jornal assumiu ainda mais o papel de defensor desse movimento e na maioria dos textos jornalísticos a palavra desenvolvimento era transcrita, muitas vezes em todos os parágrafos, principalmente nos títulos das matérias. O tema situa-se também acerca dos debates sobre jornalismo na contemporaneidade. (MARCONDES FILHO, 2009).

Ressalta-se ainda um ponto importante observado é que a cidade começa a ganhar grupos culturais e eles são pautas frequentes no jornalismo, como em matéria divulgada no dia 18 de outubro de 1931, “Artistas da música se unem para apresentação especial”, e também na mesma edição “Festa da Boa Vista”. Ao encontro deste tema, Kunczik (2002) cita que o capital social, junto com a cultura são importantes ferramentas do desenvolvimento, e isso o jornal A Serra apresentava em suas edições.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar as publicações do jornal A Serra, entre 1929 e 1931, deve-se primeiramente apontar o caráter de um veículo local, assumido em defesa do movimento emancipacionista da Colônia 14 de Julho. O jornal como detentor e divulgador e de propagação da informação da época, traz por comprometimento a defesa da emancipação de Santa Rosa, como mostram os relatos do redator Fernando Albino da Rosa (1935, p 77) ao transcrever a história de Santa Rosa, e incluir seu relato pessoal para a contribuição do Jornal A Serra para que a Colônia se tornasse um município independente das Missões. A mesma comprovação se dá por Christensen (2008), ao afirmar que A Serra surgiu para mobilizar a comunidade em prol da emancipação.

Podemos afirmar aqui que A Serra utilizou de seus recursos de linguagem adjetiva ao referir-se a movimento políticos, culturais e históricos da época, de forma elogiosa, fazendo com que os ideais de desenvolvimento e progresso fossem levados a convencer o leitor de que a emancipação era necessária. Até mesmo após Santa Rosa ter sido reconhecida como município, as mesmas linguagens eram utilizadas para seguir um momento que defendessem ações de desenvolvimento dos distritos e da sede do município, como a necessidade de melhoria da infraestrutura de estradas, chegando inclusive a pleitear a extensão da unidade férrea.

Mas A Serra assumiu a função primordial de guardião do tempo, como defende Paul Ricoeur (2003), possibilitando inclusive a viabilidade deste trabalho através das narrativas e da materialização desta deixada para a história.

Interessante ressaltar que o movimento emancipacionista do A Serra, pode inclusive ter se inspirado no Correio Braziliense, que defendia independência, quando o Jornal da Colônia 14 de Julho queria a emancipação. Mas o que ambos desejavam era o desenvolvimento de uma região, indiferente do tamanho da representada pelo veículo impresso. Observamos por fim, o desejo do desenvolvimento defendido pelo A Serra, que traz um reflexo da própria sociedade, em que profissionais, incluindo os de jornalismo estão se atualizando, evoluindo, e isso remete ao desejo do jornal em 1929, desenvolver a comunidade através da emancipação.

REFERÊNCIAS

- BAHIA, Benedito Juarez. **História, jornal e técnica: história da imprensa brasileira**. 5.ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.
- BARBOSA, Rui. **A imprensa e o dever da verdade**. São Paulo: EDUSP/ComArte, 1990. (Clássicos do Jornalismo brasileiro).
- BARROS, Cindhi Vieira Belafonte. O Jornalismo no século XXI: estudo de caso do Jornal do Brasil. 2013. 69 fls. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Graduação em Comunicação Social: habilitação Jornalismo) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia (MG), 2013.
- BELTRÃO, L. O jornalismo interiorano a serviço das comunidades. In: ASSIS, F. de. (Org) **Imprensa do interior: conceitos e contextos**. Chapecó: Argos, 2013.
- CAMPONEZ, C. **Jornalismo de proximidade: rituais de comunicação na imprensa regional**. Coimbra: Edições Minerva Coimbra, 1ª ed. 2002.
- CHRISTENSEN, Teresa. Santa Rosa Histórias e Memórias. Santa Rosa, Palloti, 2008.
- DORNELES, Laura de Leão. **Risorgimento e Revolução: Luigi Rossetti e os ideais de Giuseppe Mazzini no movimento farroupilha**. PUCRS, Porto Alegre, janeiro de 2010. Disponível em
- DORNELLES, B. O futuro do jornalismo em cidades do interior. In: ASSIS, F. de. (Org) **Imprensa do interior: conceitos e contextos**. Chapecó: Argos, 2013.
- FERNANDES, M. L. A proximidade como valor-notícia na imprensa do interior. In: ASSIS, F. de. (Org) **Imprensa do interior: conceitos e contextos**. Chapecó: Argos, 2013.
- FRANCO, Sérgio da Costa. **Guia Histórico de Porto Alegre**. (4a. ed.). Porto Alegre: Editora da Universidade (UFRGS), 2006.
- FRANCO, Sérgio da Costa. **Guia Histórico de Porto Alegre (4a. ed.)**. Porto Alegre: Editora da Universidade (UFRGS), 2006.
- Impresso digital- a História do Jornal do Brasil.
- LE GOFF, Jacques. 2003. **História e memória**. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp.
- ROSA, Fernando Albino da, Album Santa Rosa no Centenário Farroupilha, Santa Rosa, 1935.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999
- STRELOW, Aline. **Primórdios da imprensa literária no Rio Grande do Sul: A história do jornal O Guayba - editora independente 1999**.
- TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo**, porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2005.